

ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

O progresso da intelligencia é infallivel, havendo liberdade de fallar, escrever e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I

Quinta-feira 15 de Agosto de 1861.

N. 19

ACAJÁ.

Encetando o quarto trimestre de nossa laboriosa existencia, não quizemos fazel-o sem dedicarmos algumas palavras aos nossos benevolos leitores: não só para annunciarmos a continuação de nossa fadigosa peregrinação, como também para agradecermos a potente coadjuvação que tão sympathicamente temos recebido de todas as pessoas que nos teem honrado com suas assignaturas.

Ambiciosos de gloria em extremo, e elcios do ardente entusiasmo da mocidade, temos, impavidos, encarado e sobrepujado todos os obstaculos que se nos teem antolhado em nosso acerbo peregrinar, sem que jámais o gelido e mortifero suor do medo ou do desanimo tenha reçumado em nossas frentes, e nem tão pouco nos tenhamos amedrontado ao encontrarmos pela estrada que trilhamos, alguns dos nossos irmãos, mortos pelo excesso da jornada ou exhaustos de coragem e animação.

Pelo contrario, entã) mais se nos augmenta a seiva, e mais animado e fervoroso nos corre o sangue nas veias; e como signal de verdadeiros irmãos, lançámos sobre os seus cadaveres, ainda á pouco animados, vigorosos e promettedores de uma mocidade eterna, não blasphemias e maldições, que seriam indignas de nós; mas sim os nossos sentidos adoeses.

Caminhar e caminhar; eis a nossa divisa, até que a fatídica tuba do tempo nos fulmie com o seu terrivel—basta!



O AMOR

propriamente dito. sua existencia. suas causas e seus effeitos.

Promettemos em nosso primeiro artigo, fallar sobre as causas e effeitos do *amor*. Maldita promessa e em má hora a fizemos, porque se ha tarefa espinhosa, é, por sem duvida a de investigar as causas e effeitos de um sentimento mais variavel e variado do que um arco-iris.

Se não fóra o costume que adoptamos de longa data, de cumprir religiosamente aquillo a que nos compromettemos, teriamos deixado a questão no ponto em que ficou no numero passado; mas os implacaveis redactores (que apezar de todo o respeito que lhes consagramos, não podemos deixar de comparar a *sanguessugas*) agarrarão-se-nos ás abas da sobre casaca, declarando muito formalmente que não nos largariam enquanto não obtivessem a continuação promettida.

Em uma entalção destas, o que farieis, leitores? Farieis como nós: pegaveis na penna e a deixaveis correr sobre o papel.

E' o que vamos fazer.

Agora, se o *style* for incorrecto, se as ideias se declararem em guerra com o bom senso, deitai as culpas aos taes Srs. redactores e a mais ninguém. Queremos que fique bem consignado aqui, que só a força é que nos póde compellir a escrever uma continuação ao acervo de banalidades exaradas á pagina 138 do *Acajá*.

Para averiguar as causas de qualquer phenomeno, quer physico quer moral, é preciso que se tenha estudado bem aquillo que faz o assumpto dessa investigação, ter encarado a materia por todos os lados, têt-a observado debaixo de todos os pontos de vista e por assim dizer, viral-a e reviral-a em todos os sentidos. Ora sendo o amor um assumpto puramente impalpavel, que revestê todas as formas e que se apresenta sempre debaixo dos aspectos mais disparatados,

quão difficil não é podêl-a estudar, e muito mais ainda busear-lhe as causas?

Haverá ahí, por ventura, sentimento algum mais incomprehensivel do que seja o amor?

Com effeito, no meio de cem numeros de cousas capazes de fazer brejar o amor; como discernir as que influem mais poderosamente para a explosão dessa mina que faz saltar o coração do peito á cabeça, atcando nesta o incendio que lava até que venha alguma das cousas que em nosso primeiro artigo apontámos, apagal-o?

O amor é um rasilho de polvora, cujo paiol é o coração. A faísca que lhe pega fogo, é a mais trivial circumstancia: a vista de uma mulher, ou de um moço garboso; um aperto de mão, um sorriso, um olhar mais ou menos languido que se troca na passagem, é bastante para produzir a explosão, cujos effeitos, como as causas, são differentes.

A's vezes o amor resulta de circumstancias excepcionaes, de algum acontecimento fóra da ordem commum, que approximando dois entes de sexos differentes, põe em contacto suas almas, e dessa especie de fricção, (permissão que assim digamos), nasce a tal faísca incendiaria.

Outras vezes, o amor nasce brincando como criança que é. Um moço passa por uma rua: vê á janella uma moça que lhe agrada, e vem-lhe á cabeça nupcial-a por entretenimento. Passa outra vez: torna a passar no dia seguinte e no outro, e assim vai passando todos os dias. A moça que já lhe percebeo o jogo, disfarça, finge que não quer a cousa, volta a cara, faz beicinho, mas.... tem sempre o cuidado de estar á janella á hora que costuma a passar o *cujo*. E' assim brincando ambos, chegam a acreditar que se querem e amão-se deveras, até que venha algum arrufo, provar-lhes que estão rodadamente enganados, e que aquillo que ambos julgavão verdade, nada mais era que um brinquedo. Em geral esses amores são sem consequencia, pois, não impedem que o *fido suspirante* tenha mais uma, duas, tres ou mesmo seis namoradas, a *quem ama apaixonadamente*, lhes jura elle, mas que lh'á pregão ás vezes mesmo na bochecha. Ora á vista de uma tal diversidade de cousas, bem se vê que o amor não é mais que uma brincadeira cujos effeitos podem ser nenhuns, mas que podem ser muito importantes, e dos quaes o mais vulgar é o casamento.

O casamento é o sonho dorado de todos os moços e moças. E' a sua conversa favorita, o seu thema de predilecção, a arca da felicidade de sua vida inteira.

Infelizmente, porém, nem todo o amor traz após si o casamento, e muitas vezes, longe de dar a ventura, é a causa de muitas lagrimas e de muito soffrimento; porque a imaginação exaltada pelas utopias que o amor produz, faz-nos

encarar tudo pelo lado cor de rosa, e precisamente sob as apparencias mais risouhas se occulta um pervir cheio de desenganos e mysterios.

E' por isso que somos decididos antagonistas do *amor*, em que não cremos como base fundamental da felicidade, mas sim como causa efficiente da amizade, esse sentimento duradouro e unico, verdadeiramente proprio para dar a paz e a tranquillidade de espirito, que produzem a felicidade no casamento.

Da mesma opinião é Deboy na sua hygiene do casamento, e com ella tambem concorda Michelet, e com estas duas authoridades, fundamos estas nossas massantes considerações, declarando que, em materias do coração, é sempre bom deixar que a razão predomine para não sermos precipitados, o que evitará sempre muitos desgostos, não só a vós, leitores, como ao vosso

9 de agosto 61.

JAMI.



PAGINAS PERDIDAS.

— ESBOCETOS —

II

Genaro.

2

Um dia o sol no horizonte surgira brilhante e sublime, e do firmamento a luz tombava sobre a terra sem que uma só nuvem turvasse seo brilho sempre attractivo.

Uma briza morna corria de Norte á Sul, e a suave harmonia dos cantos dos passarinhos cortava os ares em seos doces trinados, e com aquella melancholia que lhes he natural.

Era um dia alegre e melancholico, se he que a melancholia não he a poesia das almas puras, e que pousa sobre ellas em seos momentos de ventura.

Sobre o cumo de uma pequena montanha uma chacara de aspecto deslumbrante se fazia ver, em suas campinas cheias de flores, e com suas veigas risouhas que eram entrecortados por cristallinos rios.

Nesta habitação, onde desde longo tempo a felicidade se fazia sentir, no mais obscuro de seos recantos, e na mais infima personagem que a habitava, reinava uma actividade exemplar, a par da alegria que se expandia em torrentes por todas as frentes.

Era um dia de casamento. O pae de familia,

velho de sessenta annos, cujas cans cedo se em-
branquecerão na pratica das virtudes, repou-
sava sobre uma cadeira de esparto.

Em sua fronte veneranda onde então as pri-
maveras da mocidade bafejarão sem lhe imprimir o halito impuro do vicio e da corrupção, lia-se uma alegria intima pela união de seu filho primogenito.

A sua mente, porem, foi plena de conheci-
mentos sobre a vida humana, mil pensamentos lhe assaltarão, alguns dos quaes fizeram empal-
lidecer seu semblante já desbotado um pouco pelo decorrer dos annos.

Os outros personagens, porem, huincavão, em quanto o velho meditava sobre os dias do porvir, que seriam a corôa de felicidade do mais velho de seus fillos.

§

A um bello dia e de claridade não turvada pelas nuvens opacas que as vezes a escurecem, succedeo uma tarde poetica e amena.

Os passarinhos no jardim não cantavão ao crepusculo da manhã, mas dizião o ultimo adeos ao dia que lentamente se findava.

.....

§

Accendem-se as velas do altar dentro de uma sala, e os convidados já se agrupão por todos os lados.

O sacerdote, de fronte curvada pelo peso dos annos, entra, e com elle o sacramento da igreja christã.

Tudo é movimento, e em todos a alegria se torna em silencio solemne a espera da hora mais solemne ainda.

Uma donzella com um véo branco tombado pelas eburneas costas, entra na sala pallida e tremula.

No mesmo instante, apparece n'essa sala, um mancebo vestido de preto, e em cuja phisionomia se espraiavão ondas de felicidade, que fortalecião a crença de sua alma juvenil.

Ambos se ajoelhão ante o sacerdote de Christo e a cerimonia começa com solemnidade.

§

No momento em que o ministro do altar perguntava a virgem-noiva, se jurava fidelidade eterna áquelle que seria seu esposo d'aquelle dia em diante, e que ella tremula toda, respondia com um *sim*, a custo emanado do imo d'alma, o velho que de joelhos um pouco áquem assistia a este acto de religião, tremeo mao grado seu.

No logar onde todos tinham os olhos ante dois seres que se união, e o pensamento em futuro de rosas, o tremor do velho pae não foi percebido,

e se o fosse, não o julgarião filho senão de sua idade avançada, e debilidade do seu corpo.

Não! o velho tremia, porque uma voz intima lhe fallava no coração, e lhe fazia ler no futuro que ante sua imaginação se mostrava.

A cerimonia concluiu-se.

§

Os noivos se erguerão sorrindo, e mil flores desfolharão-se sobre suas cabeças, onde raiava o sol das primaveras.

Um aperto de mão foi dado entre ambos, com um phrenesi juvenil, e entre a multidão de pessoas que os saudavão.

Era a mão da pureza apertando a mão da libertinagem!

(Continúa.)

POESIAS.

EU TE AMO.

Hei de viver de te amar,
E tu da vida no mar
Has-de-me sempre inspirar
Nova poesia.

(J. LEMOS)

Apoiando na mão a lisa testa,
Eil-o quieto, mancebo da paixão;
Os seus labios se movem, mas a custo,
Murmurando palavras sem tenção.

« Ai ! Emilia ! » — exclamando elle suspira —
« Não me negues donzella o teu amor,
« Se bondozza, dá vida ao triste bardo
« Que no peito somente alenta a dor.

« Eu não miuto, a paixão que me devora,
« Essa chamma cruel que se ateou,
« Só tu podes lenir co' um teu sorriso
« Que revele que o peito já se abrandou.

« E' tão puro, tão casto, o pensamento
« Que eu embalo na mente só por ti,
« Que eu quizera, soubesses que hoje sinto
« O que outr'ora por outra não senti.

« Não me queiras fazer infortunado
« E co'as dores lutar, do coração;
« Eu te amo, e só peço que me digas,
« Que de mim tu tiveste compaixão.

« Não ha peito onde habite virgindade,
« Que não seja sensível a outro peito;
« Não me digas que o teu é insensível,
« Pois não deixa ao amor, d'estar sujeito.

« Cara Emilia, formosa, entre as mais bellas,
 « Não desprezes aquelle que te ama;
 « Obedece aos dictames da natura,
 « Póis só bem sobre a terra ella derrama —
 « Se os grilhões de Cupido inda não prendem
 « Os teos pulsos mimosos aos d'alguem;
 « Não recazes aquelles que te offereço
 « Inda embora tu partas para alem.
 « Se partires, minh'alma e pensamento,
 « Minha vida e mais tudo levarás
 « E a c'roa tristonha da saudade
 « No meo peito sómente deixarás.
 « Quando um dia impellido pelo fado
 « Os teos lares queridos eu buscar,
 « Quero ter o prazer de achar-te ainda
 « Sempre prompta a meos dias não deixar.
 « E nos campos risonhos, onde as flores
 « Em constante belleza se apresentão;
 « Verte quero guardar uma promessa
 « Que só peitos de virgens é que ostentão.

Mui cansado deixou pender a fronte
 E sorrindo adormeceu;
 E sonhando venturas no futuro
 Mais risonho amanheceu.

23 de Julho 1861.

J. BARBOSA RODRIGUES.

SONHO.

A. M...

Ai! me parece que acordei no eseuo!
 A luz com que sonhei como era linda!
 Acordei! e amanhã, em pé na vida,
 Hei de cuidar que estou sonhando ainda.

(DR. TEIXEIRA DE MELLO.)

Foi entre as flores do jardim ethéreo
 Qu'eu l'encontrei.
 Como entre as outras me attrahiste a vista...
 Oh! bem o sei!...

Vi-te entre nuvens d'uma alvura immensa,
 Qual Psyché;
 E logo eu disse: do que tu mais linda
 Ninguem o é.

Teos olhos d'anjo para mim volveste
 Cheios d'amor,
 E ao meo peito regelado e estéril,
 Deste calor.

Um só dos raios dos teos olhos bellos
 Me arrebatou!
 E dos teos seios o perfume activo
 Me embriagou!

Então, meos labios só d'amor sedentos
 Aos teos coloi...
 E quando eu hia a te roubar o aroma...
 Oh! acordei!

SILVIO RANGEL.

Rio, 5 de Agosto de 1861.

PROCLAMAÇÃO.

A Silvio Rangel.

Poetas, ouvi meos brados
 Correi ás armas. Correi!

F. X. DE NOVAES.

Avante mancebos! Avante ligeiros
 Na senda espinhosa do vosso *Acajá*!
 Avante, sem medo, marchai sobranceiros
 Que gloria tão nobre, não houve e nem há!

Avante, guerreiros, mancebos poetas,
 A's letras da patria, progresso legai.
 Avante, ligeiros, por linhas directas
 De ser brasileiros, com gloria mostrai.

Avante mancebos! caminho da gloria,
 Correi ao triumpho, ligeiros correi!
 E se na batalha, for vossa a victoria,
 O vosso *Acajá* será só o Rei!

Avante, oh! avante! soldados guerreiros,
 Avante mancebos, com vosso *Acajá*.
 Avante, sem medo, marchai sobranceiros,
 Que gloria tão nobre não houve e nem há.

M. S. A. BRANDÃO.

Corte, 1861.

A' LEONOR.

Le monde la posseda sans la con-
 naitre; moi je l'ai connue, et je res-
 te ici bas a la pleurer.

× ×

I

Chorai sentidas minhas tristes lagrimas
 Commigo a dor cruel que excita prantos;
 Lacrimosos chorões guardem-lhe a campa
 Como n'alma eu conservo os seos encantos.

Partio tão cedo d'esta vida o anjo
 Qua o mundo e a existencia me doirava;
 Pendeo a fronte no florir da vida,
 Qual lyrio ao sopro de Suão murchava.

Só d'ella tenho na memoria as fallas
 Seos risos meigos, sua linda imagem,
 Nem mais podera aquelle archanjo dar-me
 Senão poesia, como a flor, a aragem.

Só tive-a em sonhos debruçada aos seios
Ungindo esta alma p'ra a poder sonhar,
Estrella d'alva do meo céu de amores
Sumio-se d'elle, foi n'outro céu brilhar.

Deixaste a terra para habitar os céos ?
De lá desprende o teu brilhar de encantos
P'ra que nas noites de vigílias tristes
Em teu jazigo me allumie os cantos.

II

Tive-a nos braços por acaso um dia
Oh ! que alegria que eu senti então!
Tive os seos seios á meo peito unidos,
Bem confundidos, amina o coração.

Vi-a e senti que eu nasci p'ra ella,
Essa donzella, que me fez viver ;
Era destino que encontrasse um anjo,
Dos céos archanjo, prestes a morrer.

Quando os seos risos, suas doces fallas,
Mesmo nas salas me enviavaõ beijos,
So eu e ella nos entendiamos,
E então sentiamos loucos desejos.

Vi-a no mundo, mas tão triste em fallas
Tão poucas galas no verdor da idade,
Que a tive sempre como ao mundo dada
E inspirada, p'ra deixar saudade.

III

Chorai sentidas minhas tristes lagrimas
Commigo a dôr cruel que excita prantos;
Lacrimosos chorões guardem-lho a campa
Como n'alma eu conservo os seos encantos.

O mundo a possuiu sem conhecê-la,
E eu a conheci para adorá-la;
O céu chamou-a como sua estrella...
E vivo n'este mundo a pranteá-la.

L.

~~~~~

## A MARINA.

Teos olhos, Marina, são pretos, são vivos,  
Tem mil attractivos, belleza sem par;  
Captivaõ, seduzem, se volvem saudosos,  
Tão lindos, mimosos, só dizem—amar !—

O rosto moreno, castanhos cabellos,  
Os labios singellos, cintura mimosa ;  
Os dentes mui alvos, o collo bem feito;  
E um ente perfeito, Marina formosa !

Nos prende, fascina, risonha fallando,  
N'um baile walsando só causa prazer ;  
Se canta, seo canto, tem muita magia,  
Tem muita poesia, tem alto poder !

Não traja mui ricos, custosos vestidos,  
De gala despídos são seos *toilettes*;  
Adornos dispensa quem tem só belleza,  
O luxo, grandeza, são dom das *Coquetes* !

Nos lares paternos, na doce morada,  
E' filha prezada, querida dos seos;  
Na sala mui terna, mui lhana conversa,  
Nos olhos travessa, é um mimo de Deus !

Feliz pois, tu sejas, formosa Marina,  
De linda bonina mimoso botão;  
E vive contente só ditas gozando,  
Meos versos guardando no teu coração !

O. A. O.

Junho, 1861.

~~~~~

SE A VISSÉS!..

Oh ! não a vejas que de amor succumbes.

DR. MACEDO.

Se a viesses ! a visão dos meos amores
Esse archanjo formoso dos meos cantos...
Se a viesses palpitando em soledade
Com magicos encantos;

Se a viesses solitaria sobre a praia
Seos cabellos soltando ás mornas brizas
Soluçando de amor — e deli ante
Fitar as vagas lisas;

Se a viesses como é bella, como é pura
Nas noites de luar por entre as flores
Segredando no calix das boninas
Seos pudicos amores;

Se a viesses ao sorrir da meiga aurora
No seio da floresta entre perfumes
A's aves ensinando em doce entleio
Seus cantos— seus queixumes...

Oh ! tu desprenderias dos teos labios
Um grito admirado !
E teu peito se encheria de venturas
E teos olhos se encheião de ternuras
Olhande-a extasiado !

ALMEIDA AZAMBUJA.

(Rio...)

~~~~~

## CLAUDINA.

Original Brasileiro.

(Continuação).

### III.

Era no pavilhão; Gravenstein era o chefe d'esse concerto a Mozart que ali se dava. Os espelhos do salão resplandeciam como as torrentes de luz espalhadas pelos lustres de gaz. A orchestra era melodiosa; e executava um *pot pourri* da Traviata, quando Pedro, que encostado a uma das colunas que sustentão o edificio, triste e pensativo, ouviu rumor entre os *leões* da sala, e um fardalhar de seda aproximar-se. Pedro, empallideceo; suas pernas curvarão-se, e para não cahir encostou-se a uma cadeira, onde pesadamente deixou cahir seo corpo abatido.

Era Claudina que havia feito sua entrada no salão.

Momentos depois viu-a apparecer, passar junto de si, e com um sorriso satânico roçar o arminho de seo leque nas suas faces geladas.

Um choque terrível abalou-lhe o corpo.

Porém depois, com ar de vingança, levantou-se, passou as mãos pelos cabellos; um riso de mofa assomou-lhe aos labios, e atirou-se no meio da multidão que passejava.

Claudina estava seductora. Seus cabellos frisados cahião por sobre o alabastro dos hombros fugindo de sob a fira palhinha de um chapéo a Garibaldi, guarnecido de velludo e enfeitado por uma pluma branca. Seus seios quasi que expostos á vista cubiçosa dos aloradores, erão presos no apertado corpinho de um vestido de setim azul; um collar de grossas perolas adornava-lhe o collo, tão alvo e tão mimoso, como o do cysne, quando com orgulho fende as aguas argentinas de um lago.

As suas mimosas mãos se occultavão na macieza da luva de pellica branca; emfim estava bella, e ainda mais bello era vê-la com desleixo, endireitar um longo mantelete de filó que lhe pendia dos hombros.

Estava assentada em frente á orchestra e cercada de um numero de *leões* que lhe dirigia graciosos cumprimentos.

Vejamos agora o proceder de Pedro. Com a raiva nos labios e com o amor no coração, busca vingar-se.

Mas como fazel-o sem dar escandalo? Dirigio-se para uma bella americana que estava quasi junto a Claudina, e depois de alguns cumprimentos, de algumas palavras vans, e apro-

veitando a occasião que Claudina para elle olhava, faz uma declaração de amor, bastante alto para que sua amante o ouvisse, pede uma entrevista, e vio, não grado seo, a americana conceder-lh'a.

Claudina deo uma gargalhada, mas impallideceo, e lançando um olhar scintillante sobre Pedro, vio este sorrir-se sardonicamente.

Pedro estava vingado; tinha calcado e ferido o orgulho de Claudina, todavia ainda não estava satisfeito. Levantou-se, com um andar elegante, chegou-se para um vendedor de ramalhetes, e comprando um, feito de jasmims, que circelvão uma camelia branca, veio com ar de perfeito cavalleiro offercel-o áquella que estava servindo de instrumento á sua vingança.

Claudina não se conteve, e deixou escapar uma exclamação de desespero, que felizmente foi abafada pelos bravos e applausos que atrovão o salão.

Uma hora depois, ao som arrebatador da polka *a guarda imperial*, Claudina, espalhava uma a uma no meio da roda que a cercava, as petalas mimosas dos bellos jasmims. E no meio de risos e ditos picantes adornava os cabellos com a camelia do centro do ramallete.

Pedro, branco de um soffrer profundo, impassivel ao lado de sua nova amante, contemplava aquelle acto de uma alma desesperada por se ver abandonada, por uma mulher menos bella e menos graciôsa.

Pedro, arrependido, sentia o pezar de Claudina, mas apparentemente mostrava um ar de desprezo.

No entanto, Pedro soffria; e Claudina, mais do que nunca o amava.

Porém como o ramallete dado por Pedro, á outra, se via nas mãos de Claudina? Expliquemos.

Claudina assim desprezada por Pedro, desesperou e aproveitando-se de um momento em que seo amante havia se levantado, dirigio-se á americana, e depois de conversar algum tempo, pediu-lhe o ramallete. Esta que não tinha ouvido nada de Pedro que a impedisse de acceder ao pedido de Claudina, cujas relações com Pedro ignorava, de bom grado cedeo; eis como os jasmims juncavão o chão á roda de Claudina.

No dia seguinte, erão seis horas da manhã, Pedro havia aberto a janella que dava para a rua, e deitado lit as memorias do Mme. Recamier, quando sentio cahir sobre o peito um objecto, Apanhou-o: era uma flor murcha, uma camelia branca.

Pedro correo a janella, mas só vio um lindo coupé que seguia pela rua abaixo.

— E' Claudina! E' o emblema de sua vida que murcho me atira!!!... Exclamou Pedro, atirando a flor para cima de uma mesa.

Tentou ler de novo, porém, sem comprehender:

desesperado atirou o livro para a estante exclamando: « Ah! da, Claudina! »

A's seis horas da tarde, Pedro que havia passado um dia insipido, recostado nas largas almofadas de seo leito, buscava uma distracção na fumacça avultada de seo caximbo de *écumer*, quando veio seo criado dizer-lhe que uma mulher vestida de preto e envolvida n'um longo véo desejava fallar-lhe.

— Que entre, disse Pedro descuidosamente sem se mover; e continuando a fallar, assim se expressava:

— Quanto não me seria salutar a solidão! Que socego não encontraria meo espirito, e que descanso não teria minh'alma longe do tumultuar do mundo! Na companhia de meos livros, no seio da natureza, cercado por uma roda de alguns amigos intimos, como seria feliz!...

Mas Claudina? ... Esse ente que tanto idolatro; esse amor que nutro; essa paixão que me devora? Ah! não posso! Na solidão, só a seo lado encontraria prazer! Ah, Claudina! Claudina! Só tu me farias feliz no mundo se deixasses tua vida de parasita, para te unires a mim!

Neste momento a porta do quarto se abriu, e uma mulher vestida de negro assomou no limiar.

Pedro, não era um desses maneches que ficando ainda em moi tenra idade sem pais, e senhores de uma grande fortuna, lançaõ e dissipão-na em prazeres livolos, sem olhar para o futuro e sem encarar para a velhice que a par da miseria caminha na senda desses moços.

Porém Pedro, não era d'aquelles que só dissipão seo ouro em orgias, não; Pedro era esmolero e caritativo. O infeliz que batesse á sua porta, tinha seguro o pão d'aquelle dia.

Ao ver aquellã mulher no limiar de seo quarto, Pedro estremeceu, mas pensando ser alguem que buscava a sua protecção, perguntou:

Quem é, senhora, o que deseja? Aproxime-se.

E chegou uma cadeira á desconhecida.

— Quem sou, senhor? disse a desconhecida com voz mudada; sou uma infeliz desfeiteada hontem, e que hoje o vem procurar. Veja se se lembra destas feições.

E levantou o véo que lhe cobria o rosto.

Era Claudina, porém tão pallida e macilenta, como o pergaminho que cobre um arcabouço,

— Tu aqui, Claudina?! O que queres de mim visão que rouba a paz de meo espirito?

— O que eu quero? A flor interprete da tua vingança.

— Eil-a...

E apontou para o chão, onde coberta de pó jazia murcha a branca camelia.

— Ah! Exclamou dolorosamente Claudina.

— Já te não amo.

— Que?! Será possível? Agora que arrependida vinha calcar o meo emblema á tua vista, que vinha romper a capa remendada da meretriz e cobrir-me com a singeleza da mulher honesta, é agora que me desprezas, Pedro?

No auge da alegria, mudo, estendia os braços, soluçava, queria calir aos pés de sua amante, porém seo orgulho não lh'o permitia.

Claudina leu-lhe no rosto o combate que se dava em sua alma, e atirando-se a seos pés abraçou-os exclamando:

— Pedro, tem dó de mim! Perdoa-me! eu te amo... abandono o mundo... para viver só contigo... sê compassivo! Olha minhas lagrimas, que são as primeiras que verto depois da minha perdição!... perdoa-me!

Pedro, levantou-a e estreitando-a em seos braços, misturou as lagrimas do prazer com as do arrependimento.

— Será verdade? Deixarás o mundo para te entregares a mim só?!

— Sim, Pedro, só a ti!...

E de novo se abraçãro.

Minutos depois, Pedro assentado em sua cama, recebia mil affagos d'aquelle que elle tanto amava; e enlaçando a mimosa cintura de sua amante n'um mltuo abraço, compensava dias de martyrios.

Pobre Pedro, em que laços cahira, e em que mares se perderá o seo laixel?

Na torre de S. Francisco seavão onze horas, quando Claudina sahia acompanhada de seo amante.

(Continúa.)

## CONSEQUENCIAS DA VOLUBILIDADE.

Original Brasileiro.

(Continuação.)

### III

Quereis ter um conhecimento cabal do que é um *petit maitre*, leão, dandy, janota, ou coisa que o valha, e ainda em cima, extravagante, cynico, depravado e dissoluto, meos leitores? Pois vou fazer-vos o retrato d'uma d'essas *feras* humanas.

Alto como uma palmeira dos desertos da africa, magro como um esqueleto, bonito, (seria sem razão dizer-se o contrario) de cabellos bastos, negros e anellados; moreno, de olhos negros e brilhantes como fanacs, trajando no mais rigoroso modernismo; tal é Alberto, o amigo de Paulo.

Filho de um milionario, tendo tudo quanto

quizesse de seo velho pai, já pela avultada fortuna que elle possuía, já por ser filho unico, nada poupava quando alimentava na mente qual-quer capricho ou desejo.

Empregava-se no que todos os moços nas mesmas condições que elle se empregão — na vadiação.

Levantava-se ás dez horas da manhã, almoçava; depois do almoço sahia, e passeava duas ou tres vezes pela rua do Ouvidor, em companhia de uma carra de parasitas que, escudada no broquel da amizade, ia-lhe estorquindo tudo quanto podia (para não degenerar a raça que representava).

Infelizmente o Rio de Janeiro conta um avultado numero dessas sanguessugas que tem braços e pernas, e atacão as victimas em pleno dia, quæes saltadores de estrada.

Fiamo-nos porem no futuro, e esperamos que pouco a pouco essa estirpe se vá extinguindo até sumir-se... dizemos mal, até reduzir-se a um numero menos atterrador; porque jamais parte alguma do mundo deixou de sustentar essa nefanda pro genie, ou congregação.

Como diziamos, depois dos passeios pela rua do Ouvidor, Alberto recolhia-se á sua casa, lia alguma coisa, jantava, fumava, tornava a vestir-se, e sahia de carra ou a cavallo, para voltar somente das duas ás tres horas da madrugada, e isto é quando voltava.

O que fazia elle em todo esse tempo?

Descubramos somente uma das pontas d'esse véo....

Tibia e miseranda, ou feroz e astuciosa, é essa classe de mulheres conhecida sob a denominação de — *Canelias*.

Era pois no regaço d'essas estatuas, nuas de valor; ao som estridente dos *evocés* das ebricas, e no libame do vaporoso champagne, que elle passava as noites....

E seo pai?! Que se importava elle com os desvarios do filho! Fazia o que todos os pais condescendentes fazem, em detrimento seo e dos seus filhos — *Deixava o rapaz gozar a mocidade* — como elle dizia a quem lhe fazia alguma observação sobre Alberto.

O coração de Alberto era insensível ás harmonias do amor; e nunca experimentou essa suave emoção que symboliza a suprema felicidade dos humanos.

Ai! d'aquella mulher em quem elle fectasse seus concupiscentes olhos, ai d'ella! porque qual-quer que fosse a sua posição, elle espinhava todas as conveniências sociaes, só por amor do seus torpes e brutaes desejos!

## IV

Na occazião em que Corina atravessava o salão e comprimentava a Paulo, unica pessoa que ali encontrou, Alberto assomou no limiar da porta para onde Corina se encaminhava.

Corina deparando com Alberto, quasi que embargando-lhe a passagem, corou mas não despregou os olhos d'elle. Parecia o iman atrahindo o aço.

Alberto desviou-se para dar passagem a Corina e aproximando-lhe os labios ao ouvido, disse-lhe: Amo-te!

Quem o ouvisse, e reparasse na expressão do verdadeiro sentimento que elle soubo dar ás suas feições, creria uma confissão cheia de verdade e de paixão.

Mas era ao contrario; jamais o tigre encarou a presa sem lhe marcar os minutos de existencia. Assim, fôra a confissão de Alberto, cunhada do sello objecto da maldade e da seducção!

Paulo presenciando o que se passara, não deixou de se admirar da posição que Alberto tomara inclinando-se ao ouvido de Corina

— O que fizeste Alberto?

— O que fiz?! o me-mo que tenho feito a muitas moças em identicas circumstancias, respondeo cynicamente Alberto.

— O mesmo que tens feito a muitas moças, não a'ino...

— É que estás vagando pelos nevociros da phantasia. Logo saberás.

— Não, quero saber agora mesmo.

— Disse-lhe que a amava; ora ali está o que eu faço a todas as mulheres bonitas.

— Depravado! E sabes tu quem é esta menina?

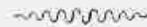
— O amor não conheço pessoas nem leis.

— Amor! amor! sabes por ventura o que é o amor, Alberto?

— Ora deixate disso, Paulo, vamos comer alguma coisa, chegemos a duas horas e ainda nada comemos. Tenho uma fome de padre.

E encaminharam-se para uma das mesas do hotel, que havia alguns minutos os esperava.

(Continúa.)



As reclamações devem ser dirigidas a esta typographia.

RIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & Comp. • rua do Cacao n. 165